



**Como viver a vocação  
de Salesiano  
Cooperador agora?  
Perfil do seguidor de  
Jesus Cristo no mundo  
do século XXI**

Escorial, 13 de junho de 2015  
Bicentenário do Nascimento de Don Bosco  
Don Pascual Chávez V., sdb

## Introdução

Foi-me pedido para desenvolver o tema "Como viver a vocação do Salesiano Cooperador (*aqui e*) agora? ". Uma alternativa seria centrar-me no Projeto de Vida Apostólica que define o salesiano cooperador como um cristão católico - secular - salesiano, e lhe apresenta o seu perfil, de modo a viver idoneamente a sua vocação e a realizar a sua missão no mundo.

Desta maneira, seria suficiente repetir o que Jesus disse ao doutor da lei que O questionou sobre o primeiro mandamento e depois sobre o seu próximo: "Faz isto e viverás". Por outras palavras, bastaria viver com alegria, convicção e fidelidade o que é pedido na Carta de Identidade da Família Salesiana e no vosso Projeto de Vida Apostólica para saber a que estais chamados a ser e a fazer hoje, nesta parte do mundo".

A outra alternativa, pelo contrário seria a de ver a figura do Salesiano Cooperador não tanto a partir do que lhe é específico, do que já se conhece, mas a partir do mais universal, que é o nosso ser de cristãos, seguidores de Jesus hoje nesta Europa Ocidental. Isto significa entrar dentro dum projeto mais amplo em que temos de nos situar, que é o da Igreja tal como está a ser impulsionado pelo Papa Francisco.

Eu preferia a segunda alternativa, porque parece mais iluminadora e programática, e não retira nada à vossa identidade carismática. Com efeito, as características de membros da vossa associação são:

- Uma pessoa rica em humanidade, elemento típico do humanismo de S. Francisco de Sales, que deve ter uma visão positiva de si mesmo, da realidade, da Igreja, do mundo porque aprende a ver Deus em tudo e a contemplar tudo com os olhos de Deus.

- Um batizado com um imenso amor à Igreja, que vive com alegria, gratuidade e responsabilidade a sua condição de filho de Deus, de discípulo de Jesus, inserido nas realidades temporais com clara identidade e prática da vida cristã.

- Um salesiano no mundo, de acordo com a intuição original de Don Bosco, que o queria como colaborador apaixonado de Deus através das grandes opções da missão salesiana: a família, os jovens, a educação, o sistema preventivo, o compromisso social e político.

O desenrolar do tema permitir-vos-á, por um lado, lançar luz sobre a vossa própria identidade salesiana a partir da vossa vocação cristã e, por outro, elucidar-vos melhor sobre o projeto histórico que como Salesianos Cooperadores da Região ibérica estais chamados a desenvolver e a assumir.

## **1. A Igreja e o mundo de hoje, sob o impulso do Espírito**

A questão é, certamente, apaixonante: é como antecipar um capítulo de aventura cristã através do tempo. No entanto, a abordagem é complexa. Há muitas portas para nele entrar e muitos caminhos para nos aventurarmos nele.

Um é o mistério de Deus, pelo qual o seguidor de Cristo se sente atraído. Quais poderiam ser os *flashes* ou reflexos desse mistério à hora de o viver, segundo as condições humanas, num contexto cada vez mais secularizado?

Outro é a vida terrena de Cristo que o seguidor deseja imitar e atualizar. A adesão que leva à conformidade com Cristo, é o ideal, o esforço e o caminho daqueles que se dispõem a segui-Lo, especialmente hoje, quando a "radicalidade evangélica" se apresenta com mais clareza e

convicção como a forma normal da vida cristã. A inspiração que emerge a partir da existência de Jesus é inesgotável e pode conter surpresas.

A Porta e o Caminho são a hora que vive a Igreja sob o pontificado do Papa Francisco, da qual os seguidores são parte viva e manifestação particularmente evidente. Qual é o projeto de Igreja que o Papa Francisco está impulsionando neste preciso momento da história? Ele tem-no repetido desde o primeiro momento da sua eleição e indicou-o de forma programática na Exortação Apostólica "A alegria do Evangelho": a Igreja é chamada a sair de si mesma e a ir para as periferias, não só geográficas, mas também existenciais: as do mistério do pecado, da dor, da injustiça, as da ignorância e as da falta de fé, as do pensamento e as de todas as formas de miséria (*cf. EG 20,24*); uma Igreja que é chamada a superar a tentação da autorreferencialidade e do narcisismo teológico que pretende fechar Jesus Cristo e não Lhe permitir sair ao encontro homem (*cf. EG 49*); uma Igreja evangelizadora que não cede ao perigo do "mundanismo espiritual" que a levaria irremediavelmente a viver em si, de si e para si (*cf. EG 93-95.*); uma Igreja missionária que seja Mãe fecunda que vive da "alegria doce e reconfortante da evangelização" (*cf. EG 46-48*).

A estes compromissos exigentes da Igreja, que indicam já hoje os desafios que o seguidor de Jesus Cristo deve cultivar e viver, há que adicionar também os desafios do mundo que formam o contexto em que vivemos, e que não são apenas um cenário mas também e sobretudo um interlocutor através do qual Deus nos fala, pedindo-nos que demos atenção ao Espírito e escuta ao clamor dos pobres.

Além disso, por honestidade intelectual e tendo em conta a realidade, não podemos deixar de considerar um outro fator de complexidade que é de grande angústia para todos, mas sobretudo para os jovens: a incerteza do futuro. Começámos o milénio e o século XXI com

grandes expectativas de paz, de tal maneira que alguém se atreveu a falar do "fim da história". Logo de seguida, o terrorismo apareceu e fez reabrir de novo a história. Na realidade, ninguém se atreve a prever a evolução da história e as surpresas da mesma. Basta lembrar que o Papa Francisco ousou falar de uma "III Guerra Mundial em curso." Mesmo que apenas o imaginemos, devemos estar dispostos para os êxodos.

Estes últimos tempos - refiro-me de maneira geral ao pós concílio e aqui de uma forma particular aos anos 90 e a estes 15 primeiros anos do novo milénio – têm sido muito ricos em reflexões sobre o seguimento de Cristo nos diferentes estados da vida. A identidade cristã em si exigia um aprofundamento e reformulação, assim como a análise da situação social, cultural, económica, política e religiosa à luz do Evangelho.

As três exortações apostólicas: "Os fiéis leigos", "Eu vos darei Pastores", "A vida consagrada" deram quadros de referência inspiradores que satisfazem também a necessidade de aproximação dos ideais cristãos à vida atual e de os aplicar a situações concretas do mundo.

As encíclicas sobre a Doutrina Social da Igreja de João Paulo II e Bento XVI, bem como as últimas sobre a Caridade a Esperança e a Fé, e sobretudo a Exortação Apostólica "A alegria do Evangelho" de Francisco, ajudaram-nos a entender melhor a realidade que estamos a viver e a resposta que estamos chamados a dar como crentes que estamos chamados a ser "sal da terra", "luz do mundo", "cidade edificada sobre o monte".

Pretendendo iluminar o tema que me foi pedido, gostaria de navegar pelos acontecimentos que estão já hoje a escrever a história, procurando discernir "a passagem de Deus", deixando-nos guiar pelo Espírito

que nos ajuda a conhecer a vontade do Senhor neste tecido de acontecimentos.

Primeiro, através do período final do longo pontificado de João Paulo II, em seguida, através do curto e difícil pontificado de Bento XVI e agora através da frescura evangélica do incipiente pontificado do Papa Francisco, o Espírito está a conduzir a Igreja por caminhos que traçam as características do perfil do seguidor de Cristo no mundo hoje, o do Salesiano Cooperador, especialmente no mundo ocidental e, mais concretamente, na Europa.

## 2. A Igreja, sinal de comunhão de Deus e a humanidade

Nesta fase dramática e emocionante da história, o Espírito está a levar a Igreja a construir-se como sinal de comunhão, **a oferecer-se à Humanidade como instrumento de encontro, entendimento e unidade.**

Os gestos, as palavras, as imagens, as atitudes, as opções de Francisco falam com clareza e eloquência do que a Igreja é chamada a realizar neste momento da história: sair de si, superar toda a auto referencialidade, pôr-se a caminho e ir para as periferias existenciais do mundo, encarnando a misericórdia e a ternura de Deus.

Tudo isto nos mostrará que a Igreja sente nas suas entranhas que é chamada a ser mediadora e mestra de concórdia, de convivência possível, de paz, de reconciliação, de acolhimento da diversidade, de solidariedade, de interculturalidade... num tempo de globalização, de unificação física do mundo, de comunicação global e interdependência.

Usando uma linguagem secular, dir-se-ia que é uma megatendência. Usando a linguagem da fé dizemos que estamos perante um vento do Espírito. Opto por considerar este fenómeno como primeira opção

que explica o que está a acontecer, porque é o que nos aparece hoje como sinal compreensível, que recolhe adesão e é de ampla convocatória. Como no dia do Pentecostes, as pessoas foram atraídas pela curiosidade de um acontecimento e de uma energia insólita e depois escutaram o discurso de explicação, assim hoje a Igreja atrai o olhar sobre ela devido ao esforço e ao compromisso que assume de ajudar a superar as novas barreiras da divisão que afetam a humanidade devido a uma economia de exclusão que, por sua vez, faz nascer uma cultura de indiferença.

É neste sentido que vai o incessante chamamento do Papa Francisco, um chamamento a uma maior missão e a um maior compromisso pela transformação social, para que todos os missionários de Jesus se sintam convocados, na diversidade das vocações cristãs, institutos, associações, grupos, ministérios e serviços.

Devemos colocar na lista dos sinais de comunhão o movimento ecuménico e o diálogo inter-religioso que valoriza as riquezas das diversas experiências religiosas e faz convergir o esforço de todos os crentes nalguns problemas humanos de grandíssima urgência.

Vão na mesma linha os pedidos públicos de perdão que se propõem derrubar as barreiras e preconceitos, sem julgar nem condenar, e abrir caminho até ao encontro e ao diálogo entre aqueles que a história levou a considerar-se adversários: superação dos preconceitos históricos no campo religioso (*Judeus*), abertura pública do diálogo com a mentalidade moderna e científica (*Galileu*), reconhecimento do primado da consciência (*Inquisição*).

Poder-se-ia continuar com uma longa lista, mas enuncio rapidamente e apenas outros três sinais. O primeiro é o da vontade de mediação das Igrejas e dos cristãos na solução de conflitos locais. Tivemos

ocasião de ver isso em África, no Este da Europa (*conflito Rússia-Ucrânia*), na América Latina (*embargo contra Cuba*) e agora no Médio Oriente. O segundo, a valorização, por parte da Igreja, das diversas culturas que foi uma das maiores causas de discriminação. O terceiro, o esforço por intervir numa linha de humanização através das representações e missões humanitárias.

Este movimento eclesial corresponde no mundo a uma situação que tem os seus reflexos em muitos contextos das nações, das cidades e dos lares. Há um desejo e uma necessidade de encontro de mútua aceitação, de reconhecimento, de integração, de comunicação, de colaboração, de unidade e de paz. Por outro lado, há uma experiência triste de conflitualidade difusa e vasta; de discriminação étnica, social, económica; de opressão das minorias; de isolamento pessoal pela transformação dos indivíduos em átomos individuais e pelo exasperado sentido de auto e afirmação e competição que aparece em múltiplas formas.

Ao mesmo tempo há todo um vazio de elementos moderadores e instituições mediadoras, depois dos equilíbrios anteriormente alcançados; não há organismos com força moral, com base jurídica, com tradição cultural capaz, por si mesmos de mediar eficazmente tanto a nível europeu (*EU*), como mundial (*ONU*).

Contrasta tudo isto com a vontade de Deus que quer fazer da Humanidade uma família e com a oração de Jesus pela Unidade. De tudo isto brotam significados e consequências pastorais.

A Comunidade cristã, em todo o seu contexto, está chamada a ser ponto de referência para o acolhimento, para o encontro e diálogo e para a fraternidade. Segundo uma bonita expressão está chamada a ser a “casa do



homem”, onde quem estiver a sentir-se acossado preocupado por algum assunto encontre nela um lugar de compreensão.

O seguidor de Cristo – pastor, leigo ou consagrado deve ser um homem ou mulher de comunhão: ganhar um coração e uma mentalidade humanamente universais, desenvolver um conjunto de atitudes e capacidade que o sensibilizem para escutar, disposto a acolher, rápido a escutar e preparado para ser mediador. Isso levará, em primeiro lugar, a realizar em si mesmo a harmonia e a unidade: unidade entre a identidade religiosa e a vida no meio das diferenças, entre a sua opção pelo transcendente e a sua vida dentro da realidade temporal, entre a sua existência secular a experiência mística, entre o presente e o definitivo, entre a contemplação e o compromisso.

Aos discípulos seguidores de Jesus confia-se-lhes também uma função de comunhão para lá do testemunho silencioso e do exemplo, por meio de uma ação bem orientada. Fortalecidos por uma experiência pessoal de fraternidade, estão chamados, como indivíduos e como comunidade, a sustentar, a reconstruir e a reforçar a comunhão: convertem-se assim em “expertos” da unidade e obreiros da reconciliação.

É neste sentido que o Papa Francisco fala das novas relações geradas pela fé, relações que devem levar à construção da grande família humana e que encontram na comunidade cristã o fermento transformador e criador da nova sociedade segundo o plano de Deus.

Este compromisso pode, no entanto, referir-se à comunidade humana ou território se os considerarmos de forma mais ampla e mais imediata: bairro, cidade, nação, mundo. Nasce, portanto, a necessidade de revitalizar as relações sociais contra o anonimato, a indiferença, a exclusão e o espírito de gueto, do cultivo das aspirações à paz, do desejo de

reconciliação e de convivência digna. Há que equilibrar e curar, com uma cultura diferente, as tendências que se espalham pelo mundo: a marginalização, os vários fundamentalismos, as manifestações de racismo.

Especializar-se como pessoas de comunhão e desenhar as presenças como “expertas testemunhas e artífices de comunhão” significa saber criar motivações e momentos de agregação, ser intermediários nos pequenos e grandes conflitos, infundir vontade de encontro e convivência fraterna, favorecer estruturas e espaços humanizantes, ser pacíficos no sentido pleno da palavra, trabalhar para destruir preconceitos sociais e étnicos, ser capazes de dialogar com outras mentalidades.

### 3. A Igreja e o amor aos pobres

O Espírito está a indicar á Igreja um outro rumo a neste pontificado do Papa Francisco: **amar os pobres com o coração de Cristo.**

“ Sinto compaixão por eles” diz o Evangelho quando Jesus tinha à sua frente uma multidão faminta E uma boa exegese diz-nos que não se trata de um sentimento superficial, mas a uma expressão carregada da misericórdia com que Deus olha e sempre trata o homem.

No caminho eclesial que guia Francisco está ganhando consistência afirmativa uma expressão muito típica da Igreja latino americana da qual provém que é a opção preferencial pelos pobres, sempre a partir dos últimos.

Vão-se modificando aos nossos olhos os contextos em que nos encontramos. Fatores económicos, sociais e culturais estão a plasmar uma nova configuração da sociedade e do mundo. O cenário está marcado por um fenómeno: a pobreza que hoje atinge um leque maior (*há mais pobres que em 2007*), que é mais intensa (*os pobres são mais pobres*), e que é mais

crónica (*não se vislumbra quando se possa sair da crise financeira e económica que a provocou*). Não é só a condição de pobreza de alguns, é o drama da humanidade, um drama mais espiritual que material, a partir do momento em que se fez prevalecer a economia sobre a pessoa, a avidez sobre a solidariedade, o bem pessoal sobre o bem comum.

A nível mundial apresenta dimensões trágicas e os seus efeitos sobre as pessoas e povos são devastadores. Basta pensar na fome, um escândalo que dura há tanto tempo, que põe em perigo o presente e o futuro de um povo e destrói a vida. Pensemos também no êxodo de milhares de prófugos vítimas do racismo, de discriminações religiosas, de rivalidades atizadas por poderes externos. Pensemos na urbanização precária, sem condições mínimas de trabalho, sem casa, sem serviços sociais, que fazem nascer o fenómeno da marginalização dos cidadãos. Junte-se a isto a imigração crescente juntamente com o tráfico de pessoas, a exploração dos débeis e o trabalho de menores, os vários tipos de servidão humana, a situação das mulheres em muitos contextos, as deficiências de âmbito familiar, o fracasso escolar dos jovens, o desemprego, as várias dependências, a delinquência, a vida na rua. Tampouco se deve subestimar a falta de razão para viver, a ausência de perspectivas humanas e espirituais que levam aos já conhecidos fenómenos de depressão que levam ao suicídio ou até só à busca de compensações e evasões.

Esta multiplicidade de formas faz da pobreza um **facto universal**. Mesmo as sociedades opulentas e tecnologicamente avançadas têm e desenvolvem no seu seio esta mesma pobreza, não só por causa da imigração, mas também como resultado do seu próprio sistema. Basta percorrer as ruas de uma cidade para sentir o impacto destas manifestações de pobreza.

Existe uma relação íntima entre muitas formas de pobreza e o nosso estilo de vida. O mundo tornou-se interdependente para o bem e para o mal. A atual falta de ocupação, o empobrecimento de muitos e a conseqüente diminuição das possibilidades educativas, derivam de um sistema económico que põe em segundo plano o valor da pessoa como tal. As tragédias que assolam os grandes grupos em várias zonas do planeta, de forma quase anónima, têm origem nas políticas económicas e culturais de uma parte do mundo. Temos à mão muitos exemplos que confirmam esta íntima relação. Não é só no que se refere aos bens materiais, mas no que se refere à justiça, à solidariedade, à dignidade da pessoa e à conceção da vida e do mundo.

O amor da Igreja pelos pobres não é só de hoje, mas de sempre, como recorda o Papa Francisco na *IV parte da Exortação Apostólica “A alegria do Evangelho”* (cf. 186-216). Nos ambientes de maior miséria, ao longo da história da Igreja, surgiram nas comunidades cristãs, pessoas carismáticas que enfrentaram, com oportunas iniciativas, as chagas sociais mais difundidas. Em conjunto conseguiram atender a quase todas as categorias de pobres do seu tempo: indigentes, iletrados, abandonados, os reduzidos à escravidão, prisioneiros. Muitas dessas pessoas construíram comunidades equipadas, tanto no que diz respeito ao espiritual como ao operativo para responder às necessidades dos pobres com projetos de envergadura. Ficam na história como grandes testemunhas do Evangelho e entre os seus mais eloquentes arautos. D. Bosco também se encontra entre esses santos sociais.

Ao falar das questões sociais, uma visão mais crítica da Igreja pôs em evidência os mecanismos geradores da miséria. A Igreja denunciou, então, os modelos da organização económica, social e política que subestimaram o valor da pessoa, despojando-a do direito aos bens

necessários para poder levar uma vida plenamente humana, alargando assim a miséria e a marginalização.

Com o Concílio o magistério social da Igreja tornou-se mais insistente na denúncia das dimensões que a pobreza estava a adquirir não só através de uma indiscutível percepção das suas causas, mas também amadureceu ao seu testemunho e missão.

No contexto desta sensibilização geral foi ganhando terreno a expressão “opção preferencial” pelos pobres. Não se trata apenas de uma recomendação de caridade individual, mas de um critério que defina a presença da Igreja no nosso mundo.

Ao começar a fase da **nova evangelização**, a opção pelos últimos assumiu múltiplos cambiantes todos eles insistindo na dimensão social da fé e no compromisso de transformação da sociedade. Salientou-se o facto que ela abre o caminho do anúncio de Cristo e Este dá a tal opção o seu verdadeiro sentido.

No coração da nova evangelização, como a apresenta Francisco no seu projeto de Igreja, é o Evangelho da alegria que nasce da Páscoa do Senhor e tem a sua expressão na caridade, na misericórdia e na ternura, e que vai ao encontro dos problemas e situações humanas que necessitam da força transformadora do amor. É uma caridade que se preocupa com as necessidades imediatas, mas que, sobretudo se compromete com um projeto social e cultural de largo alcance naquilo que é a pessoa sempre considerada na perspectiva da sua vocação e dignidade à luz de quanto nos foi revelado por Cristo.

Correndo ainda o risco de o repetir, devemos dizer que o compromisso com a justiça e com a paz n um mundo como o nosso, marcado por tantos conflitos e por intoleráveis desigualdades sociais e

económicas é um aspeto que sobressai na Exortação Apostólica “ A alegria do Evangelho” (cf. 53-60).

O longo processo de reflexão teve também o efeito de tornar claro o alcance da opção preferencial pelos pobres. Não há nisto qualquer tipo de exclusão, nem desatenção a ninguém, mas sim a expressão do compromisso de toda a Igreja neste momento histórico que o mundo está a passar. Esta expressão de compromisso não é paralela, nem se sobrepõe à evangelização que será sempre, e em primeiro lugar, a tarefa da Igreja, mas deve ser entendida dentro do anúncio de Cristo, como esclareceu o Papa Paulo VI na *Evangelii Nuntiandi* (cf. EN 32). Não trata só de “serviços” imediatos, mas da evangelização da cultura e dos modelos de vida.

A opção preferencial pelos pobres não é património só de alguns, mas é assumida por toda a Igreja e levada a cabo mediante a complementaridade dos dons, serviço e projetos. Deseja-se, portanto, que todos os seguidores estejam a favor dos pobres, que muitos estejam entre os pobres e com eles e, quem sentir esse chamamento, viva como os mais pobres.

A credibilidade da fé cristã, especialmente entre os jovens, rola hoje por dois carris. Um é o da proposta de um sentido para a vida que compreende a espiritualidade. O outro é a solidariedade com os que sofrem ou carecem de condições para viver como pessoas. A mensagem da caridade é imediatamente compreensível: o amor fala diretamente de Deus, do que está para além do homem. As imagens mais populares dos seguidores de Cristo são aquelas que expressam de forma elementar e imediata o seu amor aos pobres. Temos também exemplos no nosso tempo. E, talvez, não seja supérfluo recordar como o exemplo de Madre Teresa e agora o do Papa Francisco tenha cativado crentes e não crentes, cristãos e fiéis de outras religiões.

O seguidor de Cristo deverá pedir e formar em si mesmo um coração compassivo e misericordioso, capaz de se comover diante de quem padece e radicalmente disposto a partilhar, a aliviar, a dar esperança e a servir.

#### 4. A Igreja e a sua participação na elaboração da cultura

Um terceiro impulso do Espírito leva a Igreja a **participar apaixonadamente no pensar a realidade humana, na elaboração da cultura, levando “luz”** para ajudar a encontrar o sentido da existência e **“sal”** para lhe dar o sabor que a torne apetecível. Por outras palavras, manter desperta a consciência, iluminar o nosso destino, dar qualidade à vida, humanizar as relações. *Existem na cultura atual algumas brechas profundas.*

Uma é certamente a que se vai criando entre *liberdade e consciência*. A um grande espaço de decisão pessoal não corresponde igual clareza a respeito dos seus valores e significados. Basta pensar como vão à deriva a conceção do amor, o exercício da sexualidade, a constituição da família (*ideologia do género*) e as operações económicas. Em tudo isto se exalta a transgressão. Há uma conta a descoberto que o Ocidente tem com a vida e as suas múltiplas interrogações.

Uma outra brecha aparece entre a conceção de vida e de verdade: esta não é procurada para inspirar a primeira. Estamos no tempo do pensamento débil, do pluralismo e da fragmentação, do relativismo e do niilismo da definição por estatísticas: é o problema da fundamentação de que sofre a vida privada e a própria sociedade.

E recordemos também a brecha *entre proveito e realização individual e solidariedade ou bem comum*: posse e partilha de bens.

As duas primeiras brechas foram analisadas por dois documentos de João Paulo II: “*O esplendor da Verdade*” e “*A fé e a Razão*”. A terceira foi objeto de uma série de documentos, os últimos dos quais são “*Centesimus Annus*” e “*Caritas in Veritate*”.

O esforço por colmatar estas brechas levou a fazer ressaltar algumas expressões que se tornaram familiares: diálogo entre Evangelho e cultura, fermentação cristã da mentalidade, cultura cristãmente inspirada. Parece problemas de intelectuais. No entanto, as suas conseqüências difundem-se de forma capilar e penetram na consciência através da comunicação social e das instituições que atuam no âmbito educativo.

Em cada uma das opções que se tomem no que diz respeito ao que estas brechas representam, está a qualidade de vida e a convivência humana.

O compromisso da Igreja é ajudar a pensar a existência humana à luz da Encarnação e da Páscoa de Jesus Cristo. E acrescente-se, para maior confiança nossa, que na atual busca de sentido a voz da Igreja é positivamente aceite, mesmo que não seja seguida: foi superada a visão da religião como “ópio” e como “posição obscurantista”: a pós modernidade significa também o ocaso da mentalidade iluminista e do fundamentalismo racionalista.

Cinco características do seguidor de Cristo e, portanto, do Salesiano Cooperador hoje referem-se ao que temos dito: será **um observador atento** à evolução humana; um **companheiro solidário** (*nem ausente, nem visitante, nem curioso, nem turista*) na procura dos melhores caminhos; um **portador otimista** da esperança nos esforços sinceros que os homens fazem para dar sentido à sua existência; um **vigilante crítico** do que maquina



contra a dignidade humana; uma **pessoa capaz de terapia** compreensiva perante a estreiteza de horizontes.

## **5. A Igreja e a sua resposta à sede de espiritualidade**

Uma última direção: **responder a uma certa sede de espiritualidade, manter a busca de Deus, purificar a experiência religiosa, oferecer o anúncio de Cristo em novos espaços geográficos e humanos.**

Podemos dizer que no panorama religioso de hoje aparecem três sinais: o alastrar progressivo da descrença, como suspensão de juízo, um não querer pronunciar-se, mas apenas fazendo afirmação de ateísmo; a reaparição de uma experiência vagamente espiritual de um desejo de interiorização, de busca de sentido sob formas de religiosidade confusa e até mesmo exótica; a consciencialização e o aprofundamento da identidade cristã, de que dão provas o nascimento e o desenvolvimento de movimentos eclesiais, o florescer de grupos e de oportunidades de reflexão e outras semelhantes. Acrescente-se a palavra de ordem para o terceiro milénio – a nova Evangelização – em conexão com a qual está a nova missionação tal como a apresenta “A alegria do Evangelho” que faz de cada discípulo de Jesus um missionário pelo facto de ser seu seguidor.

Nova Evangelização e nova missionação dizem respeito não só a espaços geográficos como também a áreas humanas modernas que devem ser iluminadas pela luz do Evangelho e que são chamadas areópagos.

A resposta à sede de espiritualidade é frequentemente recordada em “A vida Consagrada” como tarefa específica dos religiosos no desenvolvimento da sua missão, mas não de uma forma exclusiva.

A difusão do ateísmo prático, o secularismo, a religiosidade difusa e vaga, o desejo do aprofundamento da identidade cristã da parte dos

crentes, o momento eclesial de tensão para uma maior autenticidade evangélica, os espaços abertos à evangelização, devem levar-nos a considerar a dimensão transcendente da vida que interpela a muitas pessoas.

É um dos desafios mais sérios, se não o mais sério mesmo, destes tempos. Estamos conscientes de ter percorrido um caminho de renovação das ideias, de ter pensado conteúdos e métodos de trabalho pastoral, de termos atualizado as estruturas da vida comunitária e de governo. Neste momento parece-nos urgente conseguir falar à vida e ao coração do homem daquilo que constitui a crise da cultura: o sentido e o fundamento dos valores e das esperanças a que nos entregamos.

Uma vez que num caminho deste tipo se é motivado por alguém que já tem experiência ou por algum grupo com capacidade de implicar vitalmente, pede-se aos Salesianos Cooperadores a experiência pessoal de Deus consciencializada, procurada e aprofundada, bem como a competência para iniciar outros tanto adultos como jovens. As iniciativas, as estruturas, as pessoas, os percursos são múltiplos e proporcionam espaços a uma grande variedade de carismas.

O seguidor de Jesus teve sempre um “segredo”, uma história para contar, uma experiência pessoal a comunicar, mais do que uma doutrina a propor: Deus “acontece” na história humana. Isto não é apenas nem principalmente o “objeto” de um tratado, um “tema” filosófico ou um “assunto” a esclarecer. Nem é tão pouco o transcendente, o que está para lá da realidade deste mundo. É algo que nós encontramos e experimentamos na vida de todos os dias. Em linguagem bíblica Deus é o que se revela e vem ao nosso encontro. Num clima light de descrença, o seguidor de Jesus caracteriza-se por possuir a certeza da realidade histórica de Deus. Teve uma experiência pessoal da mesma em Jesus. É isso um ponto definitivo de

luminosidade e de felicidade que se difunde em qualquer circunstância da sua existência e em qualquer passagem histórica do mundo.

A biografia dos seguidores de Jesus apresenta um esquema comum e uma textura própria em cada um deles. A história é a mesma; o desenrolar e a ordem dos capítulos é que são inconcebivelmente diferentes. Todos se encontraram com Cristo, ficaram fascinados pela sua personalidade e opções, voltaram de novo a Ele para O escutar ou interrogar sobre temas que eram candentes no seu tempo, incorporaram-se no séquito físico ou espiritual. Sem esta experiência pessoal de adesão a Jesus Cristo vivo, pode ser-se um estudioso da Sua figura histórica ou mítica ou até um experto na Sua doutrina, mas não se é certamente um seguidor.

O facto do encontro, a intensidade vital do mesmo, tudo o que sucede depois de se colocar nas pegadas e na escuta de Jesus dá ao seguidor os meios para interpretar o presente e dispor-se a enfrentar o futuro. Torna-o um otimista motivado. E o seu olhar é positivo, porque consegue ver tudo à luz do Verbo Incarnado.

### **CONCLUSÃO: “ Com D. Bosco e com os jovens”**

Se tivesse que escolher uma frase que sintetizasse, em clave salesiana, o que vos apresentei, diria “ Com D. Bosco e com os jovens” . Mas, para que não fosse apenas um *slogan*, mas fosse um verdadeiro programa para os Salesianos Cooperadores, permitir-me-ia sugerir estes aspetos:

#### *Voltar a D. Bosco*

O vosso primeiro compromisso é o de amar a D. Bosco, estudá-lo, imitá-lo, invocá-lo dá-lo a conhecer para, a partir dele, descobrindo a suas atraentes inspirações, as suas aspirações mais profundas, as suas irrenunciáveis convicções, fazer vossa a sua paixão apostólica que brota do

coração de Cristo. Não se trata de nostalgia do passado, mas de procura de caminhos para o futuro. D. Bosco é o nosso critério de discernimento e a meta da nossa identificação.

Na sua incansável atividade o que mais nos surpreende é precisamente a maravilhosa conjugação de ação e união com Deus. Trata-se da graça da unidade, fruto de não ter tido mais do que um motivo para viver: os jovens, a sua felicidade e a sua salvação.

D. Bosco entendeu a própria vida como vocação e como missão; sentia-se chamado por Deus e enviado aos jovens. Na verdade, fez-se santo entregando-se completamente aos jovens, vivendo no meio deles, amando-os talvez como nenhum outro santo os tenha amado. É este, portanto, o segredo da sua santidade e do seu êxito como educador, sacerdote e fundador: o primado de Deus na sua vida. Deus foi o único centro de gravidade da sua ação, o manancial da sua vida teológica, a fonte da sua paixão apostólica. Retornar a D. Bosco é critério de renovação espiritual, de santidade salesiana e, por isso de eficácia apostólica.

### *Voltar aos jovens*

Voltar a D. Bosco significa voltar aos jovens com um amor por todos e por cada um sem exceção: os mais “pobres, necessitados e em perigo”. Trata-se de ir ao seu encontro, de escutar as suas necessidades, de encontra-los com alegria na vida de todos os dias, atentos às suas interpelações, dispondo-se a conhecer o seu mundo, a animar o seu protagonismo, despertar o seu sentido de Deus, propor-lhe caminhos de santidade segundo a espiritualidade salesiana.

Hoje todos nos sentimos interpelados pelos jovens, pelos seus desafios e esperanças de vida, pelo seu desejo de liberdade e amor, pela dificuldade de compreender a sua linguagem. E não há mais opção do que

ir ao seu encontro, de dar o primeiro passo como D. Bosco para os escutar e acolher as suas expectativas e as suas aspirações que se convertem para nós em opções fundamentais. É tudo isto um acolhimento incondicional dos jovens e que se torna um ponto de partida para construir uma relação educativa eficaz.

### *Viver a espiritualidade de D. Bosco*

Para superar a mediocridade espiritual que nos priva da capacidade de ter uma atitude e um visão de fé, é absolutamente necessário conhecer, aprofundar e viver a espiritualidade de D. Bosco. É verdade que conhecemos a sua história, que foi muito estudada pelos historiadores e também a sua pedagogia investigada em profundidade pelos nossos pedagogos, mas conhecemos muito menos a sua experiência espiritual e a sua espiritualidade.

Na base de tudo isto, como fonte da fecundidade da sua obra e da sua atualidade, há algo que frequentemente nos escapa: a sua profunda experiência espiritual, que mais não é do que a sua *familiaridade* com Deus. Não nos deveríamos admirar que a espiritualidade de D. Bosco tenha sido definida como “a contínua união com Deus”, constituída por uma laboriosidade incansável santificada pela oração.

Uma verdadeira e profunda vida espiritual não é, no entanto, possível sem o quotidiano acesso à Palavra de Deus e a frequência da Eucaristia, que constituem o centro vital de um discípulo enamorado e de um missionário entusiasta.

### *Contemplar o Coração de Cristo*

Para os membros da Família Salesiana a paixão do “*Da mihi animas, cetera tolle*” passa necessariamente pela contemplação de Cristo, o que

supõe a necessidade de O conhecer mais profundamente, de O amar mais intensamente e de O seguir mais radicalmente.

Não é por acaso que a imagem cristológica que melhor representa a figura do Salesiano é a do Bom Pastor, tal como a contemplou D. Bosco que encontrou n'Ele os elementos fundamentais da sua missão, sintetizada no seu amor pastoral até ao extremo de dar a vida pelos jovens que o Senhor lhe tinha confiado.

Em Jesus Eucaristia D. Bosco descobre o mistério inefável do amor. Nesse mistério D. Bosco vê o redentor que traz a salvação. Em Jesus contempla o mestre e o Modelo a seguir; vê o Amigo e Companheiro de caminho. Numa palavra, em Jesus D. Bosco contempla o Bom Pastor disposto a dar a vida pelo bem do seu rebanho. Daqui deriva a sua solicitude por pregar, sarar e salvar.

### *Assumir a paixão apostólica do “Da mihi animas”*

Voltar a D. Bosco e voltar aos jovens constitui a raiz e o horizonte da identidade da missão salesiana. D. Bosco foi antes de tudo um apóstolo e toda a sua vida esteve determinada pela urgência de salvar os jovens mais pobres e necessitados. D. Bosco foi um homem de uma única paixão

Este impulso apostólico que nos leva a gastar todas as nossas energias pelos jovens chama-se hoje “caridade pastoral”. É talvez a expressão mais fiel do programa espiritual e apostólico que D. Bosco viveu e nos deixou com o lema “*Da mihi animas*”. Estamos convencidos de que o lema escolhido e vivido por D. Bosco. Representa para todos nós a síntese da nossa espiritualidade, da mística e da ascética salesiana.

No programa de vida de D. Bosco encontramos a motivação e o método para encarar com ânimo e lucidez os atuais desafios culturais,

porque o “*Da mihi animas*” coloca no centro da nossa vida o sentido da paternidade de Deus, as riquezas da morte e da ressurreição de Jesus, a energia do espírito e, ao mesmo tempo estimula a dar a conhecer aos jovens e a fazê-los apreciar estas potencialidades de tal maneira que tenhamos já uma vida feliz e possamos alcançar depois a salvação eterna.

Para isso é indispensável inflamar o coração a partir de Cristo e de D. Bosco. Não se trata de um entusiasmo passageiro, mas de um compromisso de conversão, de encontro com o Senhor, deixando que Ele fale ao nosso coração e nos ajude a encontrar n’Ele também as melhores energias. Trata-se verdadeiramente de fazer com que o Senhor Jesus entre no nosso ser e nos traga alegria e gosto, que reforce as nossas convicções e nos estimule a caminhar no caminho da fidelidade à aliança, ordenando a nossa vida pessoal, comunitária e institucional segundo os valores do Evangelho e o Carisma de D. Bosco.

### *Sentir a urgência de evangelizar*

Voltar a D. Bosco significa também olhar as origens. Não podemos esquecer que a Congregação salesiana “no seu começo era uma simples catequese”. Como o nosso fundador e Pai nós estamos chamados a ser “educadores da fé” e devemos caminhar com os jovens, levando-os ao encontro com o Senhor Ressuscitado. Por isso, a evangelização constitui o centro da nossa missão e hoje mais do que nunca devemos sentir a urgência de privilegiar a nossa presença evangelizadora entre os jovens.

A missão salesiana desenvolve-se dentro da missão da Igreja, cuja tarefa fundamental consiste precisamente em realizar o anúncio e a transmissão do Evangelho. Este anúncio não é apenas uma atividade possível entre as atividades pastorais da Igreja, mas a sua missão. A Igreja

existe para evangelizar e a evangelização constitui a sua mais profunda identidade.

O facto de devermos estar atentos aos novos contextos socioculturais, aos sinais dos tempos, aos desafios que nos vêm do mundo e dos jovens, longe de ser uma razão para não evangelizar é um grande desafio a dar mais qualidade à nossa ação evangelizadora. A globalização, o secularismo, o pluralismo, o relativismo constroem o cenário onde ressoar a boa notícia que dá ao homem luz e esperança.

*Pela mão orientadora de Maria*

Voltar a D. Bosco leva-nos necessariamente a descobrir o papel que Maria teve na sua vida. Se a vida de D. Bosco foi vivida na órbita de Deus também podemos dizer que se desenrolou na órbita de Maria. A Virgem esteve sempre no seu caminho. Ela foi a mestra e a guia na procura e cumprimento da vontade de Deus.

Sabemos que desde criança Mãe Margarida o consagrou à Virgem e o ensinou a invocá-la três vezes ao dia; pouco a pouco a Virgem Maria foi para ele uma experiência de vida, uma verdadeira Mãe que sempre e em todas as partes o acompanhou. No sonho dos 9 anos Jesus entrega-lhe Maria como a mestra que o há de guiar na missão que lhe foi confiada. Estava tão convencido que Maria o guiava que afirmou que “Ela é a fundadora e o sustentáculo da nossa Obra”. Se é verdade que D. Bosco é o santo de Maria Auxiliadora, é igualmente verdade que Maria Auxiliadora é “a Virgem de D. Bosco”.

A Ela nos confiamos e a Ela queremos confiar a nossa Família Salesiana e, em particular a Associação dos Salesianos Cooperadores da Região Ibérica e os jovens do mundo inteiro. Sem dúvida que Ela, segundo



a promessa de D. Bosco, continuará a guiar-nos e a ajudar-nos a expressar agora e no futuro o carisma salesiano em toda a sua riqueza e fecundidade.

Escorial, 13 de Junho de 2015  
Bicentenário do nascimento de D. Bosco  
P. Pascual Chávez Villanueva, sdb

## **SÍNTESE DAS CONCLUSÕES - D. Pascual Chávez**

O ponto de partida da vida espiritual é o de sentir-se filho predileto de Deus, e o ponto de chegada é o de responder à pergunta de se amamos a Deus. É entre dois elementos que se encontra **a espiritualidade**, que é uma manifestação de amor. As três dimensões: espiritualidade, comunhão e missão estão relacionadas entre si.

**Comunhão:** as comunidades fraternas devem ser primeiramente comunidades com espírito, um espírito que leve cada um de nós a transformar o mundo, um espírito impulsionador da vida dos centros.

Os centros devem ser centros abertos a outras realidades eclesiais, a outras realidades educativas, a outras plataformas sociais. Isto fará das comunidades, comunidades vivas e significativas. Deve-se trabalhar em sinergia no território onde atuamos.

É a preocupação pelas necessidades sociais o que faz nascer a comunhão e a fraternidade.

Missão: Devemos crescer no sentido da nossa vocação, sentir-nos enviados, pelo que devemos superar a tentação de sentir-se voluntário (*quando eu quiser, como quiser e onde quiser*) uma vez que temos de desenvolver o sentido da vocação. E faz ressaltar três aspetos importantes:

1. **Fomos escolhidos por Deus.** Deus chamou a cada um de nós pessoalmente a ser Salesianos Cooperadores. Deus escolheu-nos. O primeiro sentido da vocação é que ela é um chamamento à intimidade.
2. **Quero que deis fruto e o vosso fruto permaneça.** Deus quer que demos fruto, quer-nos fecundos, não estéreis e aquilo que nos torna fecundos é o amor. É uma missão que não tem limites.
3. **Quero que a minha alegria seja completa.** A nossa vocação que nasce do interior de cada um de nós, quer-nos felizes e não com caras tristes e dolorosas.  
O salesiano cooperador é alguém que é chamado. Não é um voluntário.

Devemos colocar a Associação em estado de missão permanente.

A Família salesiana é um Movimento espiritual apostólico, por isso a nossa Associação é também um Movimento espiritual apostólico. Movimento, porque é dinâmico; espiritual uma vez que é fruto do Espírito e apostólico porque cada um vive a missão como um enviado.

Cada uma das ações que fazemos, fazemo-las como enviados: esse é o sentido de pertença.

Em todas as linhas criadas deveríamos diferenciar três níveis: A pessoa, o centro e a região.

*“Sou uma missão para o mundo”* diz o Papa Francisco: Por isso a missão é a nossa própria vida. A vida é vida de vocação e missão.

*“Até ao último respiro da minha vida”* disse D. Bosco. Devemos viver a missão sempre até ao fim com entusiasmo, convencidos de que *“o melhor ainda está para vir”*.

A espiritualidade salesiana está imersa no quotidiano, no viver a vida como vocação e missão. Na constante vivência do quotidiano é que se consegue o êxtase da ação.